

A Bíblia e o Fenômeno da Linguagem

The Bible and the Phenomenon of Language

João Jairo de Carvalho

Especialista em Assessoria Bíblica (EST)

Militante do CEBI

Resumo

Assim como outros livros tidos como sagrados por outras religiões, a Bíblia é uma estupenda e belíssima obra de arte literária e como tal, circunscrita no fenômeno da linguagem humana, o que torna legítimo perguntar sobre sua autoria, seus destinatários, seu conteúdo, a intencionalidade de quem a escreveu e a maneira como foi escrita. A análise dos antecedentes do texto nos leva à tradição oral e esta nos remete a um evento que é a própria vida das pessoas que experimentaram a ação graciosa de Deus. O presente artigo nos remete a essas questões.

Palavras-chave

Bíblia. Oralidade. Texto. Contexto. Interpretação. Fontes literárias.

Abstract

In this article, we discuss what criteria can help us to consider (or to assess) our faithful following of Jesus of Nazareth, as He and his movement discerned. Knowing about non-existence of an important graduation among several points listed and that this subject is unlimited, we mention: Open criticism of other social movements, the healing of the whole person and the manipulation of this healing, the ethics and egalitarianism present in the proposal where we eat the same table, prayer as the mainstay of the objectives and the dialectic between personal choice and collective. These criteria such form what we call the master-disciple (*master discipulo*) pedagogical model of Jesus and his movement.

Keywords

Bible. Orality. Text. Context. Interpretation. Literary sources.

O Verbo se fez palavra humana

Um texto bíblico não narra uma ocorrência independente das pessoas que o escreveram e das que o leem; não é um ente fora do humano, nem muito menos nos impõe que as situações nele escrito aconteceram ao pé da letra.

Um texto bíblico é uma mensagem elaborada na consciência de quem o escreveu e endereçada para a consciência de quem o vai ler. Ele pode tratar de coisas palpáveis, como a tenda da aliança; coisas invisíveis, como a glória de Javé; coisas sentimentais, como o choro de Ana por não gerar filhos; coisas fantasiosas, como o Sol parar; não importa o que seja, ao ser pensado pelo autor bíblico e depois virar um texto endereçado para alguém,

essa coisa não guarda mais apenas as especificidades que a compunham, ela passa a ser uma mensagem. Escrever sobre a tenda da aliança não é um mero ato de descrevê-la, mesmo que o texto sugira isso; a tenda descrita passa a ser uma mensagem sobre a importância dela para as tribos de Israel. A existência da tenda se enriquece de significados por passar pela consciência/escrita do autor e pela consciência/leitura de quem agora a possui através de palavras e não pela presença dela mesma.

Consideremos, por exemplo, o primeiro relato da criação no Gênesis. O objeto aqui é inteiramente inapreensível, uma série de eventos cósmicos que nenhum ser humano testemunhou. O tema, contudo, é uma concepção de como o universo foi criado. Não há sentido em perguntar: “O universo foi de fato criado em seis dias de vinte e quatro horas?”. Não importa se as respostas são positivas ou negativas, porque nenhuma delas nos leva lugar algum... Por outro lado, se questionarmos o tema, poderemos aprender muito. Em primeiro lugar, qual o sentido da cuidadosa separação entre os atos da criação e da sua apresentação numa série cumulativa? Por que se mostra Deus criando coisas com a simples enunciação de “Faça-se...”?... As respostas a essas perguntas... nos introduzem no universo mental do autor, a causa imediata de tudo o que vemos na página. Nesse caso, começamos a compreender os conceitos de divindade e criação defendidos pelos chamados autores sacerdotais [exílicos].¹

A experiência de vida de uma pessoa, ou de um grupo de pessoas, é algo intransferível, é de cada pessoa, ou de cada grupo; é algo arrebatador, pois é a vida mesmo acontecendo. Essa vida é experimentada dentro de relações com outras pessoas, ou outros grupos. Após um acontecimento marcante, as pessoas meditam melhor sobre o ocorrido e começam a intuir sinais antes não percebidos no evento, passam a dar significados novos ao que ocorreu. As pessoas, com isso, se asenhoram da vivência e, maravilhadas, querem desfrutar dela com outras pessoas. Nessa comunicação, a palavra pronunciada pelas pessoas que dialogam vai criando uma nova realidade, vai recriando a própria humanidade, pois gera novas relações. Experimentamos, assim, o ser imagem e semelhança do Deus-criador, garantida por Ele mesmo.

Logo, podemos levantar a seguinte questão: se depositamos nossa fé de que Deus se encarnou em Jesus de Nazaré, qual a dificuldade, então, de depositarmos nossa fé de que a Palavra de Deus também se encarna na palavra humana? A Palavra de Deus se encarnou na palavra humana de Abraão e Sara, de Moisés e Mirian, de Débora e Samuel, Gomer e Oséias, Maria e João Batista, tornando favorável e afável o ventre humano e o mundo que partilhamos para a chegada do Emanuel, o Deus-conosco. Se não fosse assim, como Maria e João teriam percebido a mensagem da Palavra de que era chegada a hora da vinda do messias? Como Maria teria comunicado a Isabel, e João anunciado aos seus conterrâneos no rio Jordão o que estava acontecendo?

¹ GABEL, John; WHEELER, Charles. *A Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 19.

A linguagem é uma criação feita pelo homem à sua imagem e semelhança: é multipla e ordenada, revela uma riqueza e uma ordem... Na atividade de falar, o homem também é imagem e semelhança de Deus: criando uma ordem, ele se revela... Cumpre-se na linguagem a suprema revelação humana. E Deus escolhe também esse modo de comunicação para revelar-se ao homem... Mas pode Deus falar-nos em palavras humanas? Se deve falar-nos a nós, homens, não pode fazê-lo de outro modo... Deus quis falar-nos em palavras rigorosamente humanas, ditas por homens... Portanto, numa linguagem concreta - hebraico e grego - e através de homens concretos - Jeremias e Paulo... Realiza-se uma ação misteriosa, formulada na Segunda Epístola de Pedro: 'Antes de mais nada, tende presente que nenhuma predição da Escritura está à mercê de interpretações pessoais; porque nenhuma predição antiga ocorreu por desígnio humano; homens como eram, falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito santo' (2Pd 1,20-21)... A Escritura provém de um sopro divino, de uma ação do Espírito... A fórmula 'Deus é o autor da Escritura' faz parte de uma definição de fé.²

Oralidade e literalidade

O texto bíblico nasce de fatos da vida; nasce da necessidade que uma comunidade tem de compreender melhor a vida para lhe conferir sentido e alimentar a certeza de que esta vida vale a pena ser vivida. O texto bíblico é o resultado de **dois momentos**: o momento em que a ação salvífica de Deus se realizou e o momento em que essa ação passou a ser contada e recontada por ter adquirido um significado relevante para a comunidade que a experimentou. É daí que nasce o texto. Antes de ser palavra de Deus, o texto foi um acontecimento de Deus.

O próprio texto já é uma **interpretação da vida**, pois é fruto da escolha de acontecimentos que são contados, e não são todos, que norteará a conduta da comunidade e servirá de inspiração para que outros sinais de Deus sejam percebidos. A libertação dos escravos do Egito inspirou os camponeses explorados de Canaã a se libertarem das cidades-estado, inspirou o regresso dos exilados na Babilônia, bem como inspirou os cristãos numa experiência de libertação bem mais radical com Jesus.

A interpretação parte da situação de vida da comunidade e de até onde a vista da comunidade alcança enxergar no momento em que lê o texto bíblico. A interpretação compreende ainda a possibilidade do aumento dessa acuidade visual da comunidade quando esta assume a autoridade de ser portadora de uma interpretação bíblica. A intransigência e o truncamento de certas instituições religiosas às vezes negam essa possibilidade. Estas duas **propriedades** da interpretação revelam a maravilha que um texto bíblico é: uma potencialidade de interpretações já proclamadas e ao mesmo tempo à espera de serem percebidas.

² SCHÖKEL, L. Afonso. *A palavra inspirada: a Bíblia à luz da ciência da linguagem*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 33-35.

Veja que é a **prática** da comunidade que gera a leitura e a significação que essa leitura traz para ela. Essa atividade interpretativa na comunidade bíblica suscitou o surgimento de novos textos e estes geraram uma tradição (leis, ritos, relatos, orações, cosmovisões) em torno de um mesmo sentido compartilhado por muitas pessoas. Com o intuito de não deixar os textos servirem de inspiração para interpretações contrárias à da comunidade, esta os fecha num *cânon* (= norma). Entretanto, o *cânon* não consegue barrar o extravasamento de sentidos que os textos bíblicos possuem. É ilusão pensar que uma única instituição/colegiado pudesse sozinha possuir a única e verdadeira interpretação. Graças a essa percepção, os primeiros cristãos (os de hoje também) bem alimentaram...

[...] a convicção de que a Bíblia se origina sobretudo em experiências de sofrimento/opressão, de graça e libertação, e que foi escrita com uma profunda esperança de salvação. Isto não significa que não se dirige a todos. Ninguém está isolado dos outros; cada classe social é interdependente com a outra. Na Bíblia há textos dirigidos explicitamente aos ricos e opressores, e como tais também os pobres e oprimidos os escutam, porque sua situação existe por causa daqueles. Se a Bíblia destaca com tanto relevo a preferência de Deus pelos oprimidos, marginalizados, doentes, pecadores, etc, a sua mensagem é recebida por estes como esperança, ao mesmo tempo que aqueles que são responsáveis por essa realidade recebem como juízo, se já não como convite à conversão. Como a realidade das pessoas é muito mais de sofrimento, miséria, pecado, opressão, não é difícil reconhecer que os pobres e oprimidos possuem a 'competência' e a 'pertinência' mais adequada para reler o querigma [ensinamento] da Bíblia. Este lhes pertence preferencialmente.³

Que a Bíblia é um texto, isso é óbvio, a temos nas mãos em forma de livro, como a Torah em forma de rolos na época de Jesus. Um grupo de pessoas a escreveu. Mas, as primeiras comunidades cristãs tinham consciência da elaboração **escrita** a partir de uma tradição **oral**: "*falou Deus, outrora, aos nossos Pais pelos profetas*" (Hb 1,1), "*os profetas que falaram em nome de Deus*" (Tg 5,10), "*como prometera desde tempos remotos pela boca de seus santos profetas*" (Lc 1,70), "*Bem falou o Espírito Santo a vossos pais, por meio do profeta Isaías*" (At 28,25). A **inspiração** sagrada não está limitada e resumida apenas no ato de escrever o texto bíblico, ela já está presente anteriormente no ato de contar o que o texto narra, está presente mais atrás ainda, no momento do acontecimento que passou a ser contado e em seguida escrito. Esse acontecimento irrompe quando as pessoas começam a sonhar com a liberdade a qual se materializa o chamado de Deus para a vida.

³ CROATTO, Severino. *Hermenêutica bíblica: para uma teoria da leitura como produção de significado*. São Leopoldo: Sinodal, 1985, p. 55.

Detalhes da oralidade

No fenômeno da linguagem, a **sonorização** se dá por primeiro e se faz através da sintonia entre escuta e fala. A linguagem escrita foi um grande avanço da humanidade, entretanto, bem posterior à linguagem falada. Seria “chover no molhado” afirmar que todos nascem analfabetos.

Mesmo com o apogeu do alfabeto grego ainda em tempos bíblicos, bem como dos modernos sistemas de escrita hoje vigentes, esta forma de linguagem não consegue representar em **signos** coisas peculiares à linguagem falada como a tonicidade e a declamação da mensagem transmitida pela fala, ou seja, o grau de elevação ou abaixamento da voz, bem como seu ritmo e interpretação.

Apesar de livre, o fenômeno oral, por depender da memorização, acaba estabelecendo normas estruturais para a comunicação de certas mensagens. A escrita, mesmo alheia a memorização, também segue certos **estereótipos** literários, claramente influenciados pela tradição oral, pois registra o que dela provém.

Por outro lado, a escrita também influencia a linguagem falada, pois ao ser colocada num texto, o conteúdo do que se fala ganha valor jurídico como nos tratados de vassalagem ou nos registros de testemunhos, mitifica pronunciamentos de bênçãos ou maldições e ainda firma uma **linhagem** fonética e semântica para a fala. O escrito acaba tornando-se norma da fala e evita que ela se dilua, dentro de um mesmo povo, numa explosão de diferentes pronúncias que dificultaria o entendimento entre as pessoas que querem se comunicar.

Diante do que foi exposto, percebemos quão complexo é mergulhar na relação entre tradição oral e tradição escrita na Bíblia, mas também esperamos ter alcançado a percepção de que tal tema não pode mais ser ignorado. Nossa crença está em compreender que todo o processo de busca humana por Deus é inspirado pelo Espírito Santo. Não só o que se fala, nem tão pouco só o que se escreve, mas o sonho de homens e mulheres por melhores condições de vida, suas lutar em busca disso, a contação de suas histórias a respeito disso e o testemunho escrito para as gerações futuras, tudo isso é inspirado por Deus.

A história é revelação, que prepara a vinda de Cristo, realiza-a, prolonga-a; a história compreende... eventos, palavras pronunciadas, experiências religiosas, a oração do povo... até que... se transforma numa realidade de linguagem - num oráculo, num salmo, numa narração, numa meditação... essa atividade ocorre sob o carisma do Espírito... e, por isso... se chama palavra “de Deus”... Deus desejou que a sua palavra fosse conservada e transmitida a nós por escrito... O fato de escrever é parte pelo menos integrante do processo total da inspiração; sem essa ação final e definitiva,

não teríamos Escritura na Igreja. De algum modo, nessa ação final e definitiva presentifica-se o “testemunho” do Espírito.⁴

A tradição de contar histórias é algo essencialmente humano; está presente em todas as sociedades de todos os tempos. A oralidade não sucumbiu com a chegada da modernidade; mesmo nas sociedades letradas ela está presente apesar de carregar o estigma de ser uma cultura de baixo nível ligada aos estratos empobrecidos e oprimidos da hierarquia social.

As histórias esboçadas na oralidade são marcadas pela busca da **identidade** de quem conta e de quem ouve; busca-se o entendimento dos porquês das coisas da vida, de seus dilemas, de seus conflitos, de suas maravilhas. Esse conhecimento se expressa através de quadras, adivinhas, orações, benditos, contos de mistérios ou encantamentos, músicas etc. A grande maioria de nosso povo afro-latino-americano compartilha dessa cultura popular.

Nos nossos estudos bíblicos, essa cultura popular oral de nossa gente poderia ser muito útil para um frutuoso paralelo com a oralidade do povo bíblico, e assim mostrar que Deus continua inspirando as pessoas de **hoje** a perceberem a presença da sabedoria divina nas pequenas coisas do dia-a-dia a qual essa oralidade retrata. Ajudar-nos-ia ainda a perceber que a Palavra de Deus se revela em algo profundamente humano - a capacidade de comunicar-se - e ver que foi nesse ato e no conteúdo dele que o povo da Bíblia reconheceu a vontade de Deus.

A valorização da oralidade popular em nossas atividades com certeza ajudaria a facilitadores/as e participantes das escolas bíblicas, a percebermos que nossas histórias de libertação, de amor e paixão, de migração e fantasia se alinham com as experiências do povo bíblico, e mostram que lutar por condições melhores de vida e crer na presença de Deus nesta luta não é privilégio só do povo de Israel, mas de todos os **povos** do mundo.

Numa atividade de **contação** de histórias, a escola bíblica poderia ser dividida em equipes para as pessoas contarem histórias de algum avô ou bisavô; de preferência histórias que, para o contador, a presença misericordiosa de Deus se manifestou para seu personagem.

Tendo tempo, a atividade poderia terminar com a leitura de alguns textos que carreguem consigo uma forte presença da tradição oral como: lendas indígenas (apêndice 1), poemas do Patativa do Assaré (apêndice 2). Conseguiríamos, assim, construir um ambiente de estudo onde as pessoas possam dar importância às histórias de suas vidas, a ganhar confiança mútua, a perceber e **valorizar** a cultura popular e a maneira como ela é desenvolvida e expressada.

⁴ SCHÖKEL, 1992, p. 163.

Não podemos sucumbir a uma modernidade sem tempo para contar histórias. Antigamente as contadeiras ajudavam no papel de **agregar** as pessoas, criava laços afetivos e de identificação uns com os outros. Mesmo após a contação, as histórias continuavam fervilhando no imaginário de todos, inspirando as brincadeiras da meninada e o imaginário dos adultos. Hoje, a contação foi trocada pela monotonia dos programas de TV. Resgatar essa prática nas escolas bíblicas implica em valorizar a imaginação das pessoas, suas histórias de vida, através do fortalecimento das relações pessoais do grupo que fala e escuta; instiga o hábito de se apresentar em público e a prática da leitura, tão essenciais num curso bíblico.

Texto e contexto

Trabalhemos agora a questão da redação da Bíblia na perspectiva de compreendê-la enquanto uma forma de produção humana, no qual Deus sempre está presente, assim como o fizemos na *oralidade* do povo de Israel. Cremos com isso, desenvolver a percepção de que hoje, com nossa história, causos, cantigas e escritos, também nos alinhamos com a idéia de que Deus caminha conosco, passando a entender que Israel não foi uma escolha indiscriminada feita por Deus no passado.

Na Bíblia é muito fácil encontrar histórias e leis que se repetem (criação da humanidade, os dez mandamentos), nomes de pessoas, de lugares e coisas que mudam ao bel prazer no decorrer do texto (veja o quadro). Será que tais nomes mudam a bel prazer mesmo? Por que isso acontece? Existe uma resposta para isso?

Quando se refere a Deus o chamam de
Iahweh outras vezes de **Elohim**.
 O monte da Aliança o chamam de **Sinai** outras vezes de **Horeb**.
 Os habitantes da Palestina são os **Cananeus** outras vezes **Amorreus**.
 O sogro de Moisés é chamado de

A resposta a estas questões foi dada através da **teoria das fontes literárias** da Bíblia. Para a primeira tradição (palavras da coluna esquerda) do quadro acima, chamada Javista, teologicamente Deus é entendido como comunicação direta ao homem dentro de intervenções diretas e ativas. Para a segunda tradição (coluna da direita), chamada eloísta, Deus é mais reservado e se comunica indiretamente por sonhos e visões. Poderíamos ainda dizer que para o livro do *Deuteronômio* a proximidade com Deus é alcançada pela verdadeira observância da Lei, enquanto que para os sacerdotes de Jerusalém, responsáveis pela elaboração do *Levítico*, isso só se dá pelo rigor do culto.

Vários **critérios** levantados pelos estudiosos dão credibilidade à teoria das fontes literárias. Eles afirmam que devemos observar *continuidades e descontinuidades no texto bíblico*, por exemplo, onde Caim obteve sua esposa? Quanto tempo durou o dilúvio? Por que são contadas três vezes a história de que Abraão e Isaac fizeram suas esposas passarem por suas irmãs? Outro elemento é *o ponto de vista histórico do texto*: com uma boa observação fica fácil perceber a ligação da fonte literária com o período histórico em que foi escrita. A fonte *Javista* sugere independência nacional. A fonte *Eloísta* fala de conflitos e apostasia. O *Deuterônômio* se liga a reforma sócio-político-religiosa. A fonte *Sacerdotal* pressupõe perda da independência e a busca por uma nova esperança através do culto.

Os autores destas fontes literárias não podem ser compreendidos na forma moderna da lei dos direitos autorais na qual Editoras e Livrarias mantêm relações contratuais de produção e venda. Isso é coisa do mundo moderno e não do mundo bíblico. Quem escrevia não tinha a vaidade de estar escrevendo uma obra literária, mas o prazer de estar prestando um **serviço** ao povo, a fim de que

reinassem a fé e a justiça, o amor e a fraternidade, a verdade e a fidelidade... Todos deram sua contribuição, cada um do seu jeito... Mas aqui e acolá, a gente ainda percebe que nem sempre foi fácil. Alguns, às vezes, puxava a brasa um pouquinho para o seu lado.⁵

Por tanto, dizer que Moisés não é o autor do Pentateuco, não é negar-lhe um direito autoral, mas é ter clareza de como se deu a história da produção literária desta coleção de cinco livros, e passar a ver em Moisés o que lhe é de direito: o exemplo máximo de legislador em Israel. Semelhantemente poderíamos nos referir a Davi com relação aos Salmos e de Salomão com o Livro da Sabedoria. Antes eles seriam os **incentivadores** régios que promoveram a compilação literária da cultura do povo de Israel.

O Israel pré-estatal não se preocupou com as letras. A vida tribal era transmitida oralmente. A atividade literária só foi patrocinada com a solidificação do estado monárquico que se interessou em escrever a história nacional do seu povo. Mas nem de longe existia o intuito de que tais textos virassem a base de uma religião. “Nenhuma mentalidade anteviu e planejou o alcance e os conteúdos da Bíblia Hebraica”.⁶ Antes, os textos queriam dar **respostas** a problemas específicos da época em que foram elaborados. Não tinham a mínima intenção de servirem de norma de conduta para os povos latino-ameríndios do século XXI.

⁵ MESTERS, Carlos. *Bíblia, livro feito em mutirão*. São Paulo: Paulus, 1993.

⁶ GOTTWALD, Norman. *Introdução Sócioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulus, 1988. p. 101.

Mais um detalhe do texto

Devido a uma formação que trata jovens e adultos como crianças, por vezes beirando a heresia quando enfatiza somente o aspecto dividido de Jesus, fica muito difícil de fazer as pessoas perceberem que outro grupo de escritores bíblicos, completamente anônimos, é que foi responsável da Bíblia ser como a encontramos hoje. Esses escritores são chamados de **redatores**. Eles pegavam textos diversos e sem ligações entre si e, a partir de uma mensagem que se queria transmitir, imaginava uma estrutura textual (um esqueleto), que o orientava na seleção e agrupamento dos diversos textos, criando vínculos entre eles através de cortes, acréscimos narrativos ou explicativos até conseguir um manuscrito com sentido. Outro caso seria quando tinham em mãos textos sobre o mesmo assunto mais com idéias diferentes sobre o mesmo; o redator então tinha que dar um jeito de tentar harmonizar tais textos para formar uma narrativa minimamente coerente.

Tente imaginar o período da queda de Israel nas mãos dos assírios, os que conseguiram se refugiar em Judá levando suas tradições literárias, num momento posterior, viram suas narrativas sobre seu passado histórico se juntar com as narrativas do povo de Judá. Mas, o trabalho não se limitava somente em juntar os textos como num encaixe de quebra-cabeça, pelo contrário, os textos tinham que garantir um mínimo de **coerência** e **harmonia** entre si. Aí está o trabalho do redator. Sem ele, não teríamos Bíblia.

Façamos um rápido exercício com o livro dos Juízes em mãos, para ficar mais claro a importância do trabalho do redator. Parece que existiam narrativas escritas, baseadas em tradições orais, que contavam os grandes feitos heróicos de certos líderes tribais antes de Israel virar uma monarquia.

- 1) Folheie o livro dos Juízes e identifique quais juízes apresentam narrativas mais extensas, e os que têm narrativas menos extensas.
- 2) Leia os primeiros versículos (3 a 5 versículos) da história de pelo menos seis juízes e veja o que há de comum entre eles.
- 3) Leia os versículos que falam de Josué e da moral a qual se quer chamar a atenção dos leitores (2,6 - 3,6).
- 4) Leia o vigor anti-monárquico que inesperadamente é tematizado no capítulo 9.
- 5) Leia Jz 17 - 21 e responda: Qual o juiz presente nas narrativas? Qual a situação de penúria em que o povo se encontrava?

Façamos agora os seguintes comentários. Na primeira questão podemos perceber que não existiam narrativas com heróis de todas as tribos. Foi obra redacional harmonizar a quantidade no número doze para contemplar o aparecimento de todas as tribos. A resposta a segunda questão deixa claro a presença do carimbo do autor da redação: **idolatria - castigo - arrependimento - Javé envia o juiz - salvação**; o autor da redação

não estava interessado em contar apenas as façanhas militares dos juízes, mas queria levar o povo a uma reflexão teológica sobre sua fidelidade para com seu Deus. Na terceira questão, a narrativa sobre a morte de Josué faz a ligação do livro deste herói com o início do livro dos Juízes; temos ainda um juízo moral do redator sobre a história de infidelidade de Israel para com Javé. O capítulo 9 é um claro acréscimo deuteronomista criticando a monarquia que também foi idolátrica e bem mais difícil de ser combatida. A quinta questão nos mostra um trabalho redacional sacerdotal pós-exílico a desdenhar da organização do sistema tribal; o refrão “Naquele tempo não havia rei em Israel” (18,1; 19,1; 21,25) acaba incentivando a instalação de uma autoridade central forte que depois do exílio ficou nas mãos destes mesmos sacerdotes.

Quando e como começou esse debate?

Existe ainda hoje, forte tradição judaico-cristã a considerar o Pentateuco como o “livro de Moisés” (Mc 12,26). A *torah*, isto é, “a Lei foi dada por intermédio de Moisés” (Jo 1,17; At 13,38). Moisés seria para estes o autor do Pentateuco.

Apesar de desfrutar durante muito tempo de certa hegemonia, essa posição nunca foi consensual entre os estudiosos. Os que objetavam a autoria de Moisés para o Pentateuco tinham como primeiro argumento o versículo de Dt 34,5s no qual ele mesmo fala de sua própria morte. Questionava-se então se Moisés profetizara sua própria morte ou se esse trecho do Deuteronômio havia sido inserido no texto num momento posterior.

Essa e outras **desconfianças** levaram Jean Astuc (±1750) a perceber em seus estudos que o Gênesis se dividia em “dois fios narrativos paralelos, com base nos nomes de Deus”⁷, *Elohim* e *Iahweh*. Wette (±1805) levantou a hipótese de que o Deuteronômio teria uma origem independente dos demais livros do Pentateuco e que a *Reforma de Josias*, em 622 aC, seria a data de referência para o escrito do mesmo (2Rs 22), pois só assim se poderia compreender melhor a aplicação da lei da centralização do culto em Jerusalém. Wellhausen, em 1880, ganhou grande unanimidade ao dizer que várias narrativas e leis do Pentateuco estariam associadas à classe sacerdotal, devido ao seu caráter cútico e por reorientar teologicamente as impressões acerca do destino fatídico de Judá no exílio da Babilônia. Surgia assim a hipótese da existência de um escrito sacerdotal que foi acrescentado durante o exílio aos demais textos que já existiam. Famosa ficou a frase de que “a lei vem depois dos profetas - *lex post prophetas*”⁸.

Esse avanço no estudo bíblico, para melhor se estruturar, desenvolveu um método que ficou conhecido com o nome de **crítica literária**. Seu trabalho é muito árduo e parte de dois critérios: as **duplicações** de histórias ou mesmo de frases e as **alternâncias** das

⁷ SCHMIDT, Werner. *Introdução ao Antigo Testamento*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 50.

⁸ SCHMIDT, 1994, P. 52.

designações dadas a Deus, como vimos anteriormente. A análise de diferenças no vocabulário, no estilo e na teologia, torna o empreendimento ainda mais complexo.

Avanços da análise literária

Um novo grupo de estudiosos representados por Gunkel, G. von Rad e M. Noth deram uma nova guinada nas pesquisas feitas a cerca do Pentateuco através de um novo método denominado **história das formas e das tradições**. Esse método mergulha na história pré-literária do texto bíblico e acabou revelando que as experiências populares vivenciadas pelos grupos sociais, que formaram Israel, eram atualizadas através de uma longa tradição oral desenvolvida em ambientes familiares, cúlticos, palacianos, campesinos entre outros. Em outras palavras, histórias contadas de boca em boca sobre a *fuga do Egito*, sobre a *revelação no Sinai*, ou ainda sobre a *tomada de Canaã* (entre outras), já se desenvolviam dentro do grupo social que experimentou tal acontecimento através da desenvoltura dos poetas da comunidade, verdadeiros especialistas em contar histórias. “Quando a história das formas busca determinar o *Sitz im Leben* (lugar de origem) de um texto, pergunta pelas condições sociais (instituições) em que se formaram e desenvolveram as tradições”.⁹

Dentro de certas situações de vida bem definidas, como a morte de um ente querido, existia também uma forma **oral** peculiar (própria) e bem definida, como a lamentação, para expressar tal momento da vida das pessoas. Dentro da complexidade que é a transição da oralidade para a literalidade, isto é, da influência da primeira sobre a segunda, os **estudo das formas** percebeu que o escritor imitava o mesmo procedimento, ora só copiando o que se era contado de boca em boca, ora criando gêneros literários que também teriam formas fixas para se apresentar às pessoas.

As pesquisas nos convencem de que o autor do texto bíblico não era livre para escrever do jeito que queria. Pelo contrário, o formato literário (saga, lenda, novela, canto, exortação, maldição...) no qual se transformaram as tradições orais, se torna presente no texto bíblico seguindo modelos fixos e não aleatórios. Cada formato literário segue a um mesmo estilo, a um mesmo jeito de escrever, a um mesmo **modelo** já consagrado também pela maneira dos contadores/as de contar suas histórias. Por tanto, para cada tipo de conteúdo que se quer transmitir existe uma forma oral fixa que determina uma forma literária fixa de redigir o que se quer contar.

Os estudiosos, para defender tais idéias, apóiam-se num exaustivo trabalho de **comparação** dos textos bíblicos entre si e, até mesmo, comparando textos bíblicos com extrabíblicos. Lembre-se, um relato de *lamento* não terá a mesma estrutura oral ou literária de um relato de *ato heróico*. Cada um tem sua peculiaridade estrutural já consagrada e

⁹ SCHMIDT, 1994, p. 61.

prefixada para novas histórias de novos contadores e escritores. Isso não quer dizer que estes novos contadores e escritores não tenham liberdade para dar mais ênfase a certo aspecto da estrutura ou mesmo de acrescentar um novo elemento à estrutura; mas ela, no geral, não perde suas características centrais mais marcantes.

Façamos um rápido exercício comparando o livro de Jonas (Jn 1) com o evangelho de Marcos (Mc 4) quando eles lançam mão de um **relato de milagre marítimo** para desenvolver uma linha de raciocínio. Siga os seguintes passos:

- 1) Leia atentamente os dois textos Jn 1; Mc 4,35-41.
- 2) Faça uma tabela de duas colunas colocando numa delas o texto de Jonas e na outra o texto de Marcos. Numa mesma linha, vá colocando os versículos que, para você, possuam certa semelhança.
- 3) Sublinhe palavras ou termos semelhantes presentes nos dois textos.
- 4) Tente agora evidenciar uma estrutura literária comum aos dois textos (como a história inicia, se desenvolve e termina).
- 5) Destaque diferenças entre os dois textos, isto é, realce o que é próprio de cada autor e especifique qual a mensagem embutida nessa diferença.

Feita suas considerações, gostaríamos de nos unir a elas com os seguintes comentários. São várias as palavras em comum nos dois textos: barco, mar, vento, tempestade, dormir, medo, cessar. Uma possível estrutura literária seria composta de uma *introdução*, onde o cenário prepara a descrição do perigo que virá; a *reação diante do perigo*, onde os personagens mostram o que fazem para aplacar a fúria do mar até chegar numa súplica a Deus; a *intervenção divina e o seu resultado*, feita através de Jonas ou de Jesus que trouxe a calma ao mar; a *reação das testemunhas*, mostrando o efeito produzido nos que estavam presentes no barco.

Algumas diferenças que podemos assinalar são: em Jonas, a tempestade vem de Deus e os tripulantes do barco são pagãos, em Marcos, a tempestade é algo natural e o barco pertence a judeus; ao ser acordado, a Jonas é pedido que reze a seu Deus, enquanto que Jesus é repreendido. Em Jonas, o judeu jogado ao mar afasta a tempestade, em Marcos, um judeu dá ordens para o mar se acalmar. Num, os tripulantes fazem ofertas a Deus, noutro, os tripulantes se perguntam sobre a pessoa desse judeu poderoso. Poderíamos dizer que no primeiro texto Deus é apresentado como aquele que controla a natureza e dessa autoridade Jonas não escapará, enquanto que no segundo texto, Jesus é quem tem poderes de manipular a natureza, assim sendo, ele é Deus. “Os primeiros anunciadores do Evangelho encontraram, na própria tradição judaica, um substrato

literário adequado para apresentar Jesus como salvador, bem como para falar de sua identidade messiânica e divina”.¹⁰

Apesar das diferenças, fica claro que os dois escritos utilizaram uma mesma estrutura literária para transmitir um ensinamento. Esse fenômeno lingüístico também está presente na tradição oral. Outros textos judaicos extrabíblicos seguem o mesmo gênero literário de **relato de milagre marítimo**. Não podendo mais nos alongar nesta questão, solicitamos apenas que você se surpreenda com a leitura do Salmo 107,23-32.

Finalizando por ora

Faz pena ver tanta pesquisa bíblica não ter a devida atenção e repercussão nas comunidades. Pelo contrário, a Bíblia é tratada como um amuleto por muitas pessoas que, apesar da longa caminhada em sua Igreja, continuam achando que Davi é contemporâneo de Jesus. São leigos e leigos dedicadas, piedosos, disponíveis aos diversos serviços da Igreja; mas quando solicitam um investimento financeiro para a formação do grupo, geralmente recebem uma resposta negativa.

A pesquisa sobre a Bíblia enquanto fenômeno da linguagem é vasta e responsável. São várias as editoras especializadas que publicam obras sobre esse assunto e com um pouco de paciência, achamos também pessoas interessadas em facilitar esse debate nas comunidades. Por hora ficamos por aqui.

Apêndice 1

O mito da TERRA SEM MALES

Quando Nhandervuçu (nosso grande pai) resolveu acabar com a terra, devido à maldade dos homens, avisou antecipadamente Guiraypoty, o grande pajé, e mandou que dançasse. Este obedeceu-lhe, passando toda a noite em danças rituais. E quando Guiraypoty terminou de dançar, Nhandervuçu retirou um dos esteios que sustenta a terra, provocando um incêndio devastador.

Guiraypoty, para fugir do perigo, partiu com sua família para o leste, em direção ao mar. Tão rápida foi a fuga, que não teve tempo de plantar e nem de colher a mandioca. Todos teriam morrido de fome, se não fosse seu grande poder que fez com que o alimento surgisse durante a viagem. Quando alcançaram o litoral, seu primeiro cuidado foi construir uma casa de tábuas, para que, quando viessem as águas, ela pudesse resistir. Terminada a construção, retornaram a dança e o canto.

¹⁰ MURILO, Cássio. *Metodologia de exegese bíblica*. São Paulo: edições Paulinas, 2000. p. 228 e 229.

O perigo tornava-se cada vez mais iminente, pois o mar, como que para apagar o grande incêndio, ia engolindo toda a terra. Quanto mais subiam as águas, mais Guiraypoty e sua família dançavam. E para não serem tragados pela água, subiram no telhado da casa. Guiraypoty chorou, pois teve medo. Mas sua mulher lhe falou: “Se tens medo, meu pai, abre teus braços para que os pássaros que estão passando possam pousar. Se eles sentarem no teu corpo, pede para nos levar para o alto”.

E, mesmo em cima da casa, a mulher continuou batendo a taquara, ritmadamente, contra o esteio da casa, enquanto as águas subiam. Guiraypoty entoou então o *nheengaraí*, o canto solene guarani. Quando iam ser tragados pela água, a casa se moveu, girou, flutuou, subiu... subiu até chegar à porta do céu, onde ficaram morando.

Esse lugar para onde foram chama-se *Yvy ara ei* (a “terra sem males”). Aí as plantas nascem por si próprias, a mandioca já vem transformada em farinha e a caça chega morta aos pés dos caçadores. As pessoas nesse lugar não envelhecem e nem morrem e aí não há sofrimento.

PORANTIM, Brasília/DF-2000, n. 227.

Apêndice 2

A TRISTE PARTIDA

Setembro passou, com outubro e novembro,
Já tamo em dezembro,
Meu Deus que é de nós?
Assim fala o pobre do seco Nordeste,
Com medo da peste,
Da fome feroz.

A treze do mês ele fez experiência,
Perdeu sua crença
Nas pedras de sá.
Mas noutra experiência com gosto se agarra
Pensando na barra
Do alegre Nata.

Rompeu-se o Natá, porém barra não veio,
O só bem vermeio
Nasceu muito além.
Na copa da mata buzina a cigarra,
Ninguém vê a barra,
Pois barra não tem.

Sem chuva na terra descamba janêro,
Depois feverêro,
E o mermo verão.
Entonce o rocêro, pensando consigo,

Diz: isso é castigo!
Não chove mais não!

Apela pra maço, que é mês preferido
Do santo querido,
Senhô São José.
Mas nada de chuva! Ta tudo sem jeito,
Lhe fuge do peito
O resto da fé.

Agora pensando seguio outra tria,
Chamanso a famia
Começa a dize:
Eu vendo meu burro, meu Jegue e cavalo,
Nós vamo a Sã Palo
Vivê ou morrê.

Nós vamo a Sã Palo, que a coisa tá feia,
Por terras aléia
Nós vamo vaga.
Se o nosso destino não fô tão misquinho,
Pro mermo cantinho
Nós torna a vortá.

E vende o seu burro, o jumento e o cavalo,
Inté mermo o galo
Vendero também,
Pois logo aparece feliz fazendêro
Por pouco dinhêro
Lhe compra o que tem.

Em riba do carro se junta a famia;
Chegou o triste dia,
Já vai viaja.
A seca terrive, que tudo devora
Lhe bota pra fora
Da terra nata.

Distante as terra tão seca mais boa,
Exposto à garoa,
À lama e ao paul.
Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo,
Vive como escravo
Nas terra do Sul. (PATATIVA DO ASSARÉ)

[Recebido em: junho de 2013

Aceito em: agosto de 2013]